

Células que podem AGRAVAR A ASMA

A descoberta de uma combinação celular, denominada c-kit+IL-17A+ ILC2s, tem um papel considerável na piora da doença. Porém, a revelação, segundo os pesquisadores, deve ajudar na busca por terapias mais eficientes no combate aos sintomas

» ISABELLA ALMEIDA

Image by Freepik

Cientistas da Universidade McMaster, no Canadá, realizaram uma descoberta importante para pacientes com asma. A equipe identificou um novo tipo de célula do sistema imunológico que pode ter um papel fundamental na gravidade dos sintomas da doença. O estudo, publicado na revista *Science Translational Medicine*, revela detalhes sobre os mecanismos complexos que causam a asma grave, abrindo caminhos para tratamentos mais eficazes.

A asma é uma condição crônica que afeta as vias respiratórias, causando inflamação e estreitamento do caminho por onde o ar passa, o que causa dificuldades respiratórias. O quadro grave, que atinge cerca de 10% das pessoas que têm a condição, é especialmente difícil de tratar, devido à sua resistência às terapias convencionais.

“Quando você não consegue respirar, nada mais importa”, sublinhou Roma Sehmi, professora de medicina da Universidade McMaster e uma das autoras principais do estudo. “O nosso grupo, com sede em Hamilton, tem sido líder mundial na avaliação do tipo de inflamação nas vias aéreas, utilizando métodos desenvolvidos para amostrar e analisar o escarro. Buscamos entender melhor os mecanismos por trás da asma grave para melhorar o tratamento desses pacientes.”

Para o estudo, a equipe de pesquisa recrutou pacientes do centro de tratamento St. Joseph's Healthcare Hamilton. Durante a pesquisa, os cientistas investigaram um grupo único de células imunes nas vias aéreas de pessoas com asma grave. Chamadas c-kit+IL-17A+ ILC2s, conseguem se modificar, assumindo características de dois tipos diferentes de células do sistema imunológico. O estudo revelou que essas “ILC2s intermediárias” estão associadas à presença de células inflamatórias que pioram a asma, como eosinófilos e neutrófilos.

A descoberta mais relevante foi a constatação de que pessoas com asma grave possuem essas células ILC2s que,



Com a revelação, a expectativa é controlar as dificuldades respiratórias e o mal-estar causados pela condição



É fundamental entender isso para sabermos qual “afinador de instrumentos” chamar. Se essa ILC tem uma característica de produzir substâncias específicas, a gente buscava tratamentos para elas”

Ana Paula Beltran Moschione Castro, especialista em alergia e imunologia do Sírio-Libanês

ao se transformarem, mostram características de outro tipo, as ILC3, que estão associadas à presença de muitos neutrófilos nas vias aéreas, uma condição frequentemente observada em casos difíceis de tratar. A equipe também identificou fatores de crescimento que incentivam a formação dessas ILC2s intermediárias, sugerindo que, ao controlar seus níveis, seria possível prevenir o acúmulo excessivo de neutrófilos e, assim, evitar a piora dos sintomas.

Segundo o artigo, a capacidade das ILC2s de se transformar em células semelhantes às ILC3 nas vias aéreas de pacientes com asma é uma descoberta inédita. O achado oferece uma nova visão sobre o que pode estar por trás da asma grave e abre portas para o desenvolvimento de tratamentos mais eficazes para os pacientes que não respondem bem às terapias atuais.

Conforme Ana Paula Moschione Castro, especialista em alergia e imunologia do Hospital Sírio-Libanês, o estudo revela que essas ILCs, chamadas de camaleônicas, podem mudar suas características. “É assim redirecionar a inflamação, que funciona como uma ‘música desafinada’, para diferentes caminhos. É claro que é fundamental entender isso para sabermos qual “afinador de instrumentos” chamar. Se essa ILC tem uma característica de produzir substâncias específicas, a gente buscava tratamentos para essas substâncias. Agora, com esse estudo mostrando que ela pode mudar, é importante, porque precisamos estar atentos para entender que a terapêutica pode mudar ao longo do tratamento da asma.”

“Quando a asma envolve tanto eosinófilos quanto neutrófilos, os pacientes geralmente têm uma resposta menos eficaz aos glicocorticoides, que são os medicamentos principais no tratamento da asma grave. Os achados dessa pesquisa abrem a possibilidade de identificar novas metas terapêuticas para a asma difícil de tratar”, afirma Parameswaran Nair, coautor do estudo e professor do Departamento de Medicina da Universidade McMaster.

De acordo com a pneumologista Gilda Elizabeth Oliveira da Fonseca, professora de medicina da Universidade Católica de Brasília (UCB), o tratamento com imunobiológico está sendo cada vez mais utilizado. “Nós já temos algumas drogas aqui no Brasil para tratamento de asma que está sendo aplicado de uma maneira benéfica para o paciente asmático. Já em relação aos fatores de crescimento que estimulam a formação das células ILC2S, eles vão nos direcionar a um tratamento personalizado, a um tratamento mais seguro e eficaz, baseado nos subtipos da asma, que são vários.”

Palavra de especialista

Arquivo cedido



Dificuldades no tratamento

“Os desafios no futuro incluem o desenvolvimento de biomarcadores para identificar essas células intermediárias tipo 2, ou seja, saber como encontrá-las. Hoje temos facilidade para ver os eosinófilos e encontrar o IgE, mas ainda temos dificuldade em encontrar outros biomarcadores, que são muito sensíveis para esses tipos celulares. Outro ponto importante é a validação científica dos tratamentos, para garantir que o paciente está recebendo o tratamento correto e da forma correta. Temos o custo elevado dessas terapias personalizadas. Considerando que esses tratamentos são caros, como já observamos com os imunobiológicos vigentes, outro desafio é a capacitação médica. O médico precisa saber como utilizar esses tratamentos corretamente.”

William Schwartz, coordenador de pneumologia do Hospital Santa Lúcia, de Brasília, e membro titular da Sociedade Brasileira de Pneumologia

DERMATOLOGIA

Alternativa para evitar o retorno da acne

A medicação isotretinoína, à base de ácido 13-cis-retinóico, é bastante utilizada no tratamento de acne resistente. No entanto, apesar de sua eficácia comprovada, um número considerável de pacientes pode enfrentar a recorrência da após o término da terapia. Um novo estudo, realizado por pesquisadores do Mass General Brigham, nos Estados Unidos, descobriu qual a frequência com que a condição retorna e identificou os fatores que podem colocar os pacientes em risco para novos episódios do quadro.

Os resultados da pesquisa, publicada na revista *Jama Dermatology*, revelam que cerca de 20% dos pacientes que usaram isotretinoína precisam de novas terapias para acne após o término do tratamento inicial. A recorrência é maior entre mulheres e pacientes que receberam doses cumulativas mais baixas do medicamento. Por outro lado, a dose diária do remédio não se mostrou um fator preditivo para a reincidência, e não houve evidências de que doses cumulativas acima de 220mg/kg proporcionam benefícios adicionais no controle da condição.

De acordo com o estudo, um em cada cinco pacientes necessitou de um tratamento subsequente, com 22,5% dos participantes recebendo medicamentos

orais, como antibióticos ou espironolactona, e 8,2% realizando um novo ciclo com isotretinoína. Para os pesquisadores, esses dados sugerem que, embora o medicamento seja eficaz para muitos, uma parte considerável dos pacientes pode precisar de intervenções adicionais para alcançar a remissão definitiva.

John Barbieri, pesquisador do departamento de dermatologia do Brigham and Women's Hospital e um dos principais autores da pesquisa, detalhou que os resultados do estudo sugerem que os regimes de dosagem da isotretinoína podem ser adaptados conforme as metas e preferências dos pacientes. “Essas descobertas apoiam que os regimes de dosagem podem ser individualizados para as metas e preferências do paciente. Desde que uma dose cumulativa suficiente seja alcançada, parece que regimes de doses diárias mais baixas e mais altas podem ser eficazes.”

Segundo Tatiana Sabaneeff, dermatologista do Hospital Anchieta, em Brasília, a utilização de doses diárias mais baixas de isotretinoína pode reduzir a incidência de efeitos colaterais, como ressecamento cutâneo e muco, tornando o tratamento mais tolerável para o paciente. “No entanto, é importante assegurar que a dose cumulativa total seja atingida para garantir

a eficácia terapêutica. Essa abordagem pode ser útil em pessoas com maior sensibilidade aos efeitos adversos ou comorbidades que contraindicam doses mais elevadas.”

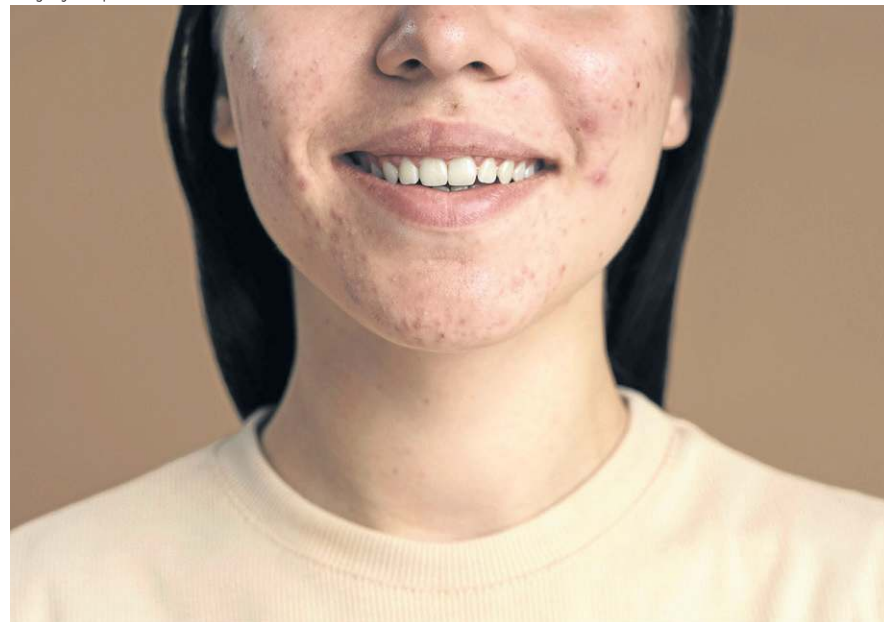
Acompanhamento

O estudo foi baseado em uma análise de informações de um banco de dados, que incluiu pacientes diagnosticados com acne e tratados com isotretinoína por um período mínimo de quatro meses. Os pesquisadores avaliaram os dados do acompanhamento de pelo menos um ano para determinar o retorno do quadro e os fatores associados.

Para os cientistas, os resultados reforçam a ideia de que o tratamento da acne com isotretinoína deve ser cuidadosamente planejado e personalizado, considerando as características individuais, como sexo, histórico médico e preferências pessoais. Os dermatologistas podem agora contar com a descoberta para discutir com seus pacientes a melhor abordagem, para otimizar resultados e minimizar os efeitos colaterais.

Além disso, a pesquisa destacou a importância de monitorar a saúde da pele após o tratamento inicial com isotretinoína. A identificação precoce da recorrência e a introdução de terapias

Image by Freepik



Mulheres têm mais probabilidade de um tratamento secundário

adicionais podem ajudar a evitar o agravamento da condição e a necessidade de tratamentos mais agressivos no futuro.

Os pesquisadores frisaram ainda que, embora esse remédio seja a opção mais eficaz para casos de acne grave, os médicos devem estar preparados para ajustar os tratamentos conforme as necessidades do paciente. O que inclui considerar alternativas diferentes quando a condição reincide.

“É fundamental que o tratamento seja conduzido por um dermatologista experiente, com acompanhamento regular e orientação adequada sobre os cuidados necessários durante e após a terapia. A adesão às recomendações médicas e a comunicação aberta entre paciente e profissional de saúde são essenciais para o sucesso do tratamento e a prevenção de recorrências”, alertou Tatiana Sabaneeff. (IA)